

ELOGIO DE UMA RAZÃO SENSÍVEL NA COMPREENSÃO SOCIAL

*Cristina Maria da Silva**

RESUMO

Abordamos a interpretação social e suas implicações na construção do conhecimento. Nos posicionamos numa linha de investigação que admite como essencial, na análise sociológica, a compreensão das dimensões míticas e imaginárias que permaneceram ofuscadas pela construção do racionalismo ocidental. Compreendemos que a Sociologia, como a própria produção científica em si, precisa ter relações intrínsecas com a paixão, o ilógico e o imaginário tanto quanto as ações que pulsam nas sociedades contemporâneas. Nos apropriamos principalmente das concepções teóricas de Michel Maffesoli no âmbito da sociologia francesa.

PALAVRAS-CHAVE

Razão Sensível, Conhecimento, Sociologia Pagã

“Talvez o nosso verdadeiro destino seja o de estar eternamente em caminho, sem parar de lastimar e desejando com nostalgia, sempre ávidos de repouso e sempre errantes. Só é sagrada de fato a estrada da qual não se conhece o fim e que, entretanto a gente se obstina a seguir. Assim é nossa caminhada neste momento através da obscuridade e dos perigos sem saber o que nos espera”. (SWEIG apud MAFFESOLI, 2001,p.35).

*Socióloga. Departamento de Ciências Sociais – Universidade Estadual do Ceará.
(crimasbr@yahoo.com.br).

Compreendemos que qualquer apreciação acerca de nossa realidade social precisa atentar para a essência sensível e as dimensões estéticas presentes nas ações delineadas em sociedade. Pois entendemos que somente através de uma visão de mundo que se propõe a acompanhar a sensibilidade abrigada em nossa existência é que poderemos nos aproximar de um *pensamento orgânico* ou de uma *razão sensível*.

Precisamos buscar uma abordagem que integre os fatos em seu contexto buscando traçar suas expressões, ao invés de entendê-los apenas com um racionalismo que separe suas raízes dinâmicas. Num mundo que nos fornece poucas certezas, talvez seja preciso que o “eu-crítico” se dissolva para que escutemos mais e possamos fazer alusão à música sutil que brota das pulsações sociais. (MAFFESOLI, 1996).

As pesquisas sociais somente contribuem para a produção de conhecimento na medida em que refletem sobre si mesmas e reconhecem que estão sempre uns passos atrás da realidade que urge. Nossos conhecimentos são apenas modulações da vida social, pois nossos conceitos e categorias unificam e reduzem enquanto a vida segue rebentando todos os moldes que tentamos lhe impor (MAFFESOLI, 1988, p.71).

Portanto, entendemos que o texto social é redigido por múltiplas mãos e na medida que buscamos construir partituras daquilo que vemos, lidamos mais com aproximações do que com descrições precisas do objeto com o qual nos envolvemos. Sem esgotá-lo, tecemos apenas ensaios de seus possíveis sobressaltos na tessitura da vida social.

Neste sentido, em nossas reflexões retomamos uma trajetória intelectual que admite como essencial na análise sociológica a compreensão das dimensões míticas e imaginárias que permaneceram ofuscadas pela construção do racionalismo ocidental. Compreendemos que a Sociologia, como a própria produção científica em si precisa ter relações intrínsecas com a paixão, o ilógico e o imaginário tanto quanto as ações que pulsam nas sociedades contemporâneas.

O conhecimento sociológico por surgir impregnado da ideologia do progresso e da ordem e da moldura analítica que tudo separa, examina e denomina, característica própria da *razão abstrata*, fundamentou-se sob aspectos sólidos e rígidos, ou pelo menos foi por muito tempo assim interpretada. Tais nuvens cobriram por muito tempo nosso

horizonte, pois ao invés de cenas de gaivotas alçando seus vôos ou as ondas do mar desmanchando-se sobre a areia fina, vimos somente um quadro de imagens amareladas no qual estiveram presos, grandes intelectuais, principalmente, Émile Durkheim e Karl Marx.

Os resquícios dessa obsessão acadêmica, em resumir a coletividade e os sujeitos, ainda podem ser vistas, sobretudo nos docentes que tentam impor suas respostas nos projetos de pesquisas dos estudantes ou nos critérios ou “receitas” utilizados como caminhos metodológicos únicos e seguros, como: o questionário, as tabelas e os gráficos na apreensão do real. Nesse ponto, concordamos, plenamente, com o que Manoel de Barros disse em algum lugar: “*O conhecimento científico pode até nomear os órgãos de um sabiá, mas nunca poderá medir-lhe os encantos*”.

Por muito tempo o signo da cientificidade baseado no fantasma dos números e conceitos pretendeu aplainar e unidimensionalizar os aspectos pulsantes da vida social. Somos assim, herdeiros de uma certa letargia diante da dinamicidade própria da existência humana. A linguagem científica caracterizou-se pela distância ao objeto descrito, ainda que tenha sido mascarado com algumas concepções tomadas emprestadas da Antropologia, como “ir à campo”. Entrevistas e questionários, como vem muitas vezes sendo feitas, muito servem para confirmar dogmatismos e legitimar moralismos sociais.

As observações de MORIN (1998), são muito relevantes para a crítica do conhecimento científico, quando o autor se refere ao fato de que as ciências não têm consciência de que lhes falta uma consciência. Os catecismos metodológicos nos perseguem, agarram-se em nossas palavras e em nosso próprio modo de ser, impregnado pelas idéias de clareza, objetividade e certezas.

Sendo assim, consideramos que nem sempre a presença garante a verdade, principalmente se permanecemos inertes e cegos ao mosaico que tece nossas cidades e seus atores sociais. A pretensa rigidez e descrição objetiva não garantem que tenhamos uma “razão sensível” para percebermos sequer os ruídos e as sombras de suas composições. Talvez seja um balançar de alicerces da auto-suficiência científica as afirmações de André Gidé (apud MAFFESOLI, 1988) quando diz que escrevemos apenas para sermos relidos. Portanto, ao contrário de revelarmos verdades irrefutáveis, traduzimos uma parte ínfima das construções estáticas e dinâmicas que oscilam na arena social.

1 - A Remoção das “Trevas” e a Institucionalização da “Igreja Científica”.

Por razões que talvez a própria razão desconheça, a Ciência, enquanto pretensa organizadora e propulsora de um saber racional e objetivo, não se dessacralizou inteiramente, pois se firmou sobre uma filosofia mágica ou mística.

Desta maneira, ainda que a ciência moderna tenha surgido como justificativa para a formação de uma consciência humana libertária e desgarrada das “trevas” de outrora, em seus alicerces os fenômenos mágicos ou transcendentais permaneceram presentes mesmo que em seu discurso tenham sido ocultados e postos à margem. Talvez por isso, ou seja, por essa sua composição metafísica, que tenha feito com que ela proclamasse, por tanto tempo, de seu púlpito, verdades irrefutáveis e universais.

Diante disso, o que melhor nos parece é que a modernidade foi (ou ainda é) uma época em que a “Igreja Científica” desenvolveu-se em substituição à “Igreja Religião”. A Ciência transsubstanciou-se em Religião. No lugar de pensamentos obscuros e mitológicos esta tentou compor observações claras, certas e objetiva. Sendo assim, em sua produção discursiva mudou apenas o conteúdo da fé humana. Os mitos adquiriram outras vestes e o homem, incluindo os fundadores da Ciência, jamais deixaram de ser crentes. Revestem-se apenas de outras crenças, com novos deuses, devotos de uma “ciência normal”. A crença lança por assim dizer, raízes profundas seja na plenitude dos grandes sistemas ou no vazio e na época das incertezas. Esta tem sempre espaço para investir-se. (MAFFESOLI, 1988, p.79).

Estas afirmações sustentam-se na própria história do pensamento científico ocidental. A ciência, ao lançar suas bases como forma de conhecimento no século XVI e XVII esteve diretamente relacionada com uma visão prometéica. Não se afastou muito dos ideários mitológicos e religiosos construídos pelos homens como modo de expressão de sentidos à sua existência.

Isto pode ser visto no contexto de produção dos pensadores sobre os quais a Ciência erigiu-se, Galileu, Descartes e Newton, que não podem ser aqui, pormenorizadamente, analisados. A produção intelectual dos três esteve envolta em mística e não nessa imagem neutra e

desbravadora pela qual foram difundidos seus autores. Destes, Isaac Newton chega a ser denominado por muitos intérpretes da história das ciências como “O Último Feiticeiro”.

Ao examinarmos a trajetória da Ciência, notamos que seu postulado fundamenta-se numa correspondência ontológica entre poder e o objeto da investigação empírica. Convencionou-se chamar modernidade, principalmente os grandes impulsos promovidos pela Ciência, e a elaboração de uma nova epistemologia, autônoma diante da filosofia e da Religião. Enfim, uma nova era, na qual o homem deixa de ser criatura de um “Deus” para ser totalmente independente ou pelo menos pretendia ser.

O que observamos é que a Ciência apesar de seu discurso de objetividade e clareza, lida com questões que ultrapassam essas linhas tênues, e sobretudo no campo das humanidades, não podemos abrir mão da “realidade velada” que permeia a discursividade social, visto que o descontínuo e o fluído atravessam nossa pretensa busca de unidade.

2 - Por um Conhecimento Pluralista e uma “Sociologia Pagã”

No que fazemos há sempre uma mistura inextricável de inteligível e de sensível que não podemos ocultar ou negar. Trazemos sempre um pouco dessa dinâmica do que nos cerca e se no que pesquisamos não tem essa “harmonia conflitual” ou “bambo equilíbrio de antagonismos”, talvez seja preciso reavaliar sobre que veredas temos seguido.

Ao invés de uma linearidade, a realidade social tem uma multiplicidade de formas, nas quais o que nos parece contraditório encontra-se ajustado de maneira bastante harmônica, ou numa “harmonia conflitual”. É sempre prudente de nossa parte observarmos se nossas lentes já não estão gastas pelo tempo e se já não é hora de limpamos as poeiras das convenções e dos dogmatismos.

Munidos de uma “razão sensível”, ou seja, de uma visão de mundo orientada para a compreensão, nos esforçamos para abordar a viscosidade e o vitalismo da vida social. No lugar de uma cortina de fumaça teórica damos espaço para a obstinação dos fatos. Almejamos

uma sensibilidade teórica que integre ao lado dos preceitos metodológicos e epistemológicos da Ciência, a emoção, a aparência, e o mítico. Enfim a possível “Ética da Estética” tão cara a Maffesoli que pode ser compreendida como a: “*Compreensão do laço social a partir desses parâmetros não racionais, que são o sonho, o lúdico, o imaginário e o prazer dos sentidos*”. (MAFFESOLI, 1996, p.74).

Friedrich Nietzsche, em seu Zarathustra (2000), afirma que só poderia crer num deus que soubesse dançar. Desta maneira, nossa profissão somente tem sentido se estiver inspirada no movimento e for sempre despertada pela quebra das ondas do mar e pela inquietude da alma. Somente recusando-nos a crer nesse deus estático que a ciência criou poderemos redimensionar nossa crença e nos convertermos a uma “sociologia pagã”, que possa ver a realidade em sua “pluralidade” de valores e as ações e sentidos cambiantes que circulam através dos sujeitos.

Ao invés de um deus monoteísta, de olhar petrificado, preferimos o deus adornado de sentimentos da religiosidade popular, que é onisciente e onipresente no acompanhar das cores, das dores e das alegrias de seu povo. No entanto, entendemos que esta linha, no que se refere à academia tem sempre poucos adeptos, pois: “*É efetivamente mais fácil servir-se de um pensamento assentado num só valor do que um outro que jogue com múltiplos matizes*”. (MAFFESOLI, 1988, p.61).

A hermenêutica pressupõe ser quem descreve da mesma substância daquilo que descreve. Portanto, o pesquisador pode acabar sendo um emaranhado das imagens muitas vezes desconexas e fugidias, mas talvez a importância esteja menos no que encontramos do que nas reflexões sobre o conhecimento que temos elaborado.

Na verdade tudo o que nos debruçamos para entender está transmutando-se do lado de fora de nossas janelas. A realidade segue rebentando as comportas da teoria, muitas vezes nem tomando conhecimento desta. Talvez seja mais do que urgente uma dimensão mais ampla da contemplação do mundo que nos rodeia, como algo inundado de rigor e de poesia, de razão e de paixão, de lógica e de mitologia. (MAFFESOLI, 1988, p.90).

Sabemos sempre muito pouco sobre nossas sociedades, elas nos sussurram algo nas noites silenciosas, mas sua linguagem exige de nós um aprimoramento constante no saber escutar. É imprescindível que aprendamos calar nossas certezas teóricas e esquecer as profis-

sões de fé declaradas sempre com tanto ardor se quisermos acompanhar essa nômade que é vida coletiva. Precisamos estar sempre dispostos a seguir em suas caravanas, não temos tempo para o descanso, por isso trazemos no rosto e no corpo sempre as marcas de nossa fadiga.

As relações sociais não são simplificadas, mas ao mesmo tempo movidas pelo banal que escorrega pelas ações, banhado de sentimentos que integram a *aura coletiva* de nossa sociedade. Mesmo que critiquemos o mito da neutralidade e da objetividade, esquecemos, em alguns momentos, disto e nos deixamos sufocar pelos paradigmas que nos cercam impossibilitando-nos de sermos nós mesmos naquilo que fazemos. Uma ciência que se pretende humanista precisa entender ao menos que a vida não é tão linear quanto pretendemos que ela seja.

Assim as idéias surgem, por um lado pela racionalidade, da qual não precisamos abrir mão. Todavia, ao seu lado surgimos com nossos desejos e não somente com fórmulas que ratificam um modo de conhecer o mundo que separou o pensar do sentir. Essa ruptura é tão intensa que muito pouco falamos sobre como temos vivido e construído os nossos trabalhos.

Talvez fosse uma idéia, nem um pouco ortodoxa, a ser posta em prática realizarmos congressos ou seminários, não para relatarmos em dez minutos o que pensamos vinte quatro horas por dia, mas para falarmos de nossas agruras e emoções enquanto pesquisadores. Diferenciando os textos escritos com sangue daqueles que dos que são feitos somente com a razão, Rubem Alves, como um educador cheio de paixão diz freqüentemente em seus livros que a diferença está no fato de que os textos escritos com sangue mexem com o corpo, nos fazem adentrar num labirinto. Enquanto que os escritos apenas recheados de conceitos e dogmas metodológicos mexem apenas com a cabeça e o corpo fica do jeito que sempre foi. Quando nos envolvemos com o que nos parece ser revelador, os pensamentos confundem-se e tudo o que de novo aparece vem sempre regado de espanto e conseqüentemente de um sorriso.

Assim, a Ciência e o imaginário encontram-se e percebemos que por mais que a primeira tenha expulsado as concepções imaginárias pela porta da frente para afirmar-se, esta sempre sondou os conceitos científicos como o vento frio da noite. Afinal: *“A unidade é complementar aos eventos descontínuos e dispersos, assim como o trajeto de*

um pássaro consiste na continuidade de seus vôos e paradas". (DURAND,2001,p.71).

3 - Conexões Imaginárias da Leitura Social

Uma visão compreensiva da realidade tem nos feito rever as formas e fôrmas das contribuições que fundamentam o pensamento o sociológico. No entanto, estamos cientes das críticas que permeiam tal consideração, como afirma Michel Maffesoli, parafraseando Roland Barthes: "*A mais profunda das subversões não consiste obrigatoriamente em dizer aquilo que choca a opinião, a lei, a polícia, mas em inventar um discurso paradoxal*". (MAFFESOLI, 1998, p.14).

De antemão, compreendemos a importância de um conhecimento que incorpore as produções artísticas. Ou seja, não abrimos mão de uma "boa dose" de paixão literária e poética em meio ao jogo cênico e "crítico-cínico" do que produzimos.

As elaborações conceituais históricas e mesmo sociais, são mais inflexíveis diante dos itinerários sociais e individuais. A literatura, por exemplo, nos inspira uma reconfiguração da realidade mais livre, pois sua leitura nos inspira a uma "operação de caça na metamorfose do texto sobre o olhar que viaja", como nos lembra CERTEAU (1994, p.265). A literatura, como outros meios de comunicação, mobiliza "práticas e astúcias", por parte de quem vive, escreve, lê e analisa, por atuar sobre repertórios culturais.

Sendo assim, nos posicionamos na defesa de uma complexidade do conhecimento, no qual torne-se possível, cada vez mais, uma interpenetração dos saberes e revisões epistemológicas constantes. Dançamos, pois na busca pelo equilíbrio e o rigor científico, porém não renunciamos as sapatilhas da paixão do texto literário.

Todavia, tomamos essa posição devido a um outro fator de grande relevância pronunciada por Roger Bastide e citada por LAPLANTINE (1995, p.177): "*O sociólogo que quer compreender o Brasil deve transforma-se em poeta*". Tal fato se deve pela própria característica tanto da literatura quanto da música, e artes em geral, não esquecerem da febre criadora que asseguram sua fecundidade.

“A Sociologia é exatamente aquele edifício de relações racionais (...) um conjunto de conceitos e de leis, de pesquisas causais e de definições objetivas. Mas uma linha melódica deve cercar esse conjunto para dar a impressão do que existe em toda a sociedade de vida, de harmonia ou mesmo de notas falsas, enfim de vida criadora, de sua organização em movimento, de seu equilíbrio no decorrer dos tempos. (...) A poesia não é traição, mas a vontade de alcançar uma fidelidade mais precisa.”(BASTIDE, 1983, p.87).

A tessitura social é um texto complexo e a arte, como também o conhecimento comum, não esquecem de modo algum disso. Nestes a *poesis* surge como peça da elaboração da partitura social, que é essencialmente envolvida pelo detalhe, pela pluralidade e o aspecto intuitivo. Concebemos com isso que filiando-nos a tais práticas estaremos ampliando, todas as manhãs, as linhas de nossos horizontes.

Maffesoli, atualmente professor titular da cadeira de Durkheim, quando questionado sobre como associar razão e emoção numa Universidade denominada René Descartes (Paris V, Sorbonne), Maffesoli ironicamente responde:

“Eu sou titular da cadeira de Émile Durkheim, que também era um racionalista (risos). Mas o que nós retivemos de Descartes é seu lado racionalista. Neste momento leio um livro sobre a importância do sonho para a formação intelectual de Descartes. Acho que Descartes, assim, tinha essa mesma concepção de globalidade, de razão sensível, embora seus sucessores, que se dizem cartesianos, acentuaram o lado racionalista. (GOMES, 1999)”.

Entendemos que precisamos rever o próprio ato da leitura, para nos lançarmos na interpretação social. O que é ler? Pergunta-nos ALTHUSSER (1979). Para nós, ler é aguçar os sentidos para compreender as epifanizações ou manifestações do real.

Retomando Marx, o autor considera que este foi responsável pela dissipação do “mito religioso da leitura”, pois desnaturaliza a realidade social e desmascara a visão teológica impregnada na visão sobre os processos econômicos e a acumulação primitiva. Marx, segundo Althusser, lê a realidade que o cerca e lê também os outros, tanto para perceber o que disseram quanto para criticá-los. Portanto, somente rompendo com esses vestígios religiosos do ato de ler é que poderemos construir uma nova concepção teórica da leitura.

Contudo, esta é uma caminhada árdua, pois é necessário uma

desconstrução do nosso modo de ver tudo o que nos cerca. Este é um processo de organização das imagens da realidade, essas marginalizadas, sobretudo pela visão judaico-cristã. “*Não há caminho real para ciência e só tem possibilidade de atingir seus cumes luminosos aqueles que não temem as fadigas para galgá-los por veredas escarpadas*”. (MARX, 1989: prefácio da edição francesa de *Le Capital*). Ler uma sociedade como a brasileira, é adentrar num extenso labirinto, pois cercados por dispositivos que nos prendem ao passado, temos que em meio ao bombardeio de imagens que “canceriza” nosso olhar traçar micro-resistências fundando micro-liberdades.

CERTEAU (1994) afirma, que se outrora o texto era escolar, hoje é a própria sociedade. Sendo assim, compreendemos a sociedade como um texto, no qual estamos sempre construindo, mas que simultaneamente conferindo-lhe vida própria e fazendo com que ele passe a desfilar diante de nossos olhos de modo autônomo.

Nesse sentido, as palavras de Berger, em *A Construção Social da Realidade*, são bem pertinentes: “Construímos a realidade, mas disso parece que, muitas vezes, esquecemos!”. Contudo, pensar *a sociedade como um texto* é perceber seus matizes nos pequenos fios que compõem o cotidiano. É perceber que independente de nossas indagações e proposições teóricas, as relações têm existência própria, elas escrevem e são textos.

Se tudo o que sedimenta as relações sociais e é permeado de sentidos partilhados coletivamente, é novo para o tear do trabalho sociológico, então as menores cenas são para nós meios de renovação metodológica e epistemológica no ato de reaprender a olhar o movimento das sociedades que analisamos.

Muito tem a dizer-nos os cartazes espalhados nas cidades; as manchetes espalhadas nas bancas de jornal; os repertórios dos programas na televisão; os filmes em cartaz no cinema; as trocas simbólicas através da Internet; a arquitetura das casas; as roupas estendidas para secar; a distribuição dos espaços nos condomínios; as inovações e imponência dos grandes edifícios nas Metrôpoles, as estruturas e símbolos das igrejas, prisões, universidades, a “geografia significativa” das estradas, os modos de vestir, as artes de fazer da culinária, enfim os aspectos mais marginais de uma sociedade tem sempre muito para revelar aos pesquisadores que primam pela arte do faro e da intuição em suas investigações. Pois:

“Ler é estar alhures, onde não se está, em outro mundo, é construir uma cena secreta, lugar onde se entra e de onde se sai à vontade; é criar cantos de sombra e de noite numa existência submetida à transparência tecnocrática e àquela luz implacável (...). A leitura depende da escuridão da noite. Mesmo que se leia em pleno dia, fora, faz-se noite em redor do livro. O leitor é produtor de jardins que miniaturizam e congregam um mundo. (...) Os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los”. (CERTEAU, 1994, p.269-270)”.

O sociólogo Michel Maffesoli, que tem primado pelas “formas sociais” e pela profundidade da aparência, afirma em *O Tempo das Tribos* (1987) que Ludwig Van Beethoven (1770-1827), compositor alemão encontrava nas ruas os temas das suas composições. Portanto as mais belas paisagens contempladas transitavam nos resultados de suas passagens musicais. Portanto, por que não escrevermos nossas partituras sobre esses diversos textos que brincam diante de nossos olhos?

Na mesma obra, o autor acima citado afirma que as idéias que porventura possam tornar-se Teorias são antes de tudo suspiros dos domínios da imaginação, da visão e da intuição. Sendo assim, ao pretendermos estabelecer nossas conexões imaginárias sobre o modo como observamos nosso objeto de análise e do contexto social do qual faz parte, nos posicionamos como herdeiros da tradição sociológica compreensiva que ao invés de tentar aprisionar segue antes como bailarina atrás dos diversos sobressaltos da vida social.

Primando pelas cores que montam um complexo significativo na formação social entendemos que o imaginário de uma sociedade é tudo o que rege as ações dos indivíduos em sociedade, seus “trajetos antropológicos” noturnos e diurnos, seus momentos de sombras e de claridade, de consciência e de inconsciência. É tudo o que entra em cena seja movida pela fria racionalidade, a ardente paixão pelo sensível, o lúdico, ilógico tanto quanto a objetividade e o lógico. Enfim, tudo o que atravessa a malha fina das construções humanas, que escorrem de suas mãos envolvidos de sonhos e de dores tanto individuais quanto coletivas.

Os historiadores muito têm nos auxiliado nessas compreensões acerca da arte de ler as sociedades em que vivemos. Em LE GOFF (1998), através de *Por Amor às Cidades*, delineia reflexões das formações imagéticas das cidades e suas formas dos grandes castelos aos

arranha – céus nos grandes centros. As escolhas estruturais, as cores e as formas que moldam as cidades muito nos revelam sobre o conhecimento e os sentimentos nela compartilhados.

Nas análises de GINZBURG (1989), principalmente em *A Micro-História e Outros Ensaios*, podemos perceber seu entendimento sobre novas fontes de análise para os historiadores, e pensamos que também para os cientistas sociais, sem as quais não podem trabalhar: “Estamos a nos referir não só aos documentos conservados nos arquivos e nas bibliotecas, mas à paisagem, à forma das cidades, à expressão gestual das pessoas”. (GINZBURG, 1989, p.170).

A sociedade inteira passa a ser vista como um imenso arquivo no qual são guardados diversos textos que a revestem de sentido. Os nomes que circulam nos discursos, as escolhas imagéticas, tudo isso se revela uma “bússola preciosa” no desbravamento dos mantos de imagens que nos cercam e nos formam. Seu itinerário serão os sinais na composição de novas interpretações para redimensionando as tiranias historiográficas.

Em *Mitos, Emblemas e Sinais*, GINZBURG (1989) justifica em termos históricos uma maneira mais ampla de se fazer pesquisa. Ele volta-se para o final do século XIX, tentando mostrar um paradigma, amplamente operante, mas não teorizado, que emergiu no âmbito das ciências humanas - o indiciário. Esse modelo epistemológico será encontrado por Ginzburg em diferentes campos, no crítico de arte italiano Giovanni Morelli, no trabalho de Arthur Conan Doyle, através de seu personagem Sherlock Homes, e ainda com influência marcante no método interpretativo baseado em dados marginais de Sigmund Freud, pai da Psicanálise. Os três buscavam respectivamente nos signos pictóricos, nos indícios e nos sintomas, os pormenores muitas vezes negligenciáveis.

Ginzburg faz analogia entre os três baseados no fato deles terem vínculos com a ciência médica e mesmo atuando em diferentes campos, desenvolveram o modelo da semiótica médica em seus trabalhos procurando uma realidade mais profunda além das aparências. O “paradigma indiciário” está associado à intuição e a percepção dos sinais, instigando tanto o historiador, como também ao pesquisador de áreas afins.

Buscando compreender o “feixe de relações” na construção ou invenção do Nordeste, ALBUQUERQUE JR.(1999), retomando con-

cepções foucaultianas desmancha certezas historiográficas sobre o Nordeste. Critica a idéia de transparência da linguagem desnaturaliza a Região e a vê como um embate constante de saberes e práticas e não como uma paisagem fixa como nos discursos professados na literatura, na música, na poesia e na mídia. A vertigem de invenção de um espaço cristalizou o solo nordestino sedimentando seus traços culturais.

Isto permitiu o autor a perceber o discurso como um jogo constante de idas e vindas, uma verdadeira trama social, na qual imagens e falas esboçadas no texto que é a sociedade. Este ao invés de ser visto como documentos portadores de verdade são antes monumentos na construção da idéia de região, permeados de contradições. Para nós isto permite-nos maior flexibilidade quanto nossas fontes, pois sendo apenas monumentos, podem ser buscadas como em peregrinação, contempladas no que podem nos oferecer, desconstruídas e depois assumirem um outro lugar ou um outro lugar na “construção analítica tipificada” da pesquisa.

Admitindo a mística que envolve a vida social, não podemos ver os discursos que a mesma produz apenas pelo viés de que são devidamente calculados e programados. Estes de maneira móbil quando aterrizam em “solo firme” podem ser combinações incompletas e imperfeitas. Os diversos elementos que os compõem equilibram-se de maneira, muitas vezes imprevisível e misteriosa. Talvez por isso, Maffesoli nos indique que “*somente mais tarde (...) podemos apreciar o que foi dominante, o que foi útil ou utilizado*”. (MAFFESOLI, 1988, p.98).

A importância de uma Arqueologia do Saber fica visível enquanto trilhamos, pois na tarefa do conhecimento social temos um pouco da substância dos idealistas românticos que exageram porque não se saciam e sonham o máximo que podem para realizar ainda que uma parcela ínfima do que desejam. (INGENHEIROS, s/d, p.21). Através desta, percebemos que mesmo que os discursos estejam dispersos trazem, uma certa, regularidade na sua formação. Não têm um único autor, são antes produzidos por diferentes sujeitos que tecem através das palavras e das imagens a tessitura social.

Carlos Drummond de Andrade, alhures disse que “*As palavras não nascem amarradas, elas saltam, se beijam e se dissolvem*”. O que poderíamos dizer das imagens que compõem o imenso texto que moldam as sociedades contemporâneas? Minúsculos fios efêmeros e oscilantes que bailam diante de nossos olhos?

A ciência social que praticamos é uma das, possíveis leituras sobre a realidade que busca como disse Max Weber, sempre de um lado a conexão e a significação cultural de suas diversas manifestações em sua configuração atual e, de outro, as razões que fizeram com que historicamente ela se desenvolvesse sob uma forma e não outra. (Weber apud COLLIOT-THÉLENE, 1995).

A imaginação diante do prisma do racionalismo-socrático apresentou-se sempre como sinônimo de erro e dúvida. Pela sua flexibilidade e sua “poética do devaneio”, esta esteve sempre mais adornada por sentimentos e esculpida por lembranças e desejos do que pela lógica e a ordem monoteísta da razão, pois:

“A imagem pode se desenovelar dentro de uma descrição infinita e uma contemplação inesgotável. Incapaz de permanecer bloqueada no enunciado claro de um silogismo, ela propõe uma ‘realidade velada’ enquanto a lógica aristotélica exige ‘clareza e diferença’”. (DURAND, 2001, p.10).

O imaginário trata-se de uma potência sempre dinâmica diante do pragmatismo, ou seja, é uma incessante troca entre as pulsões subjetivas e as intimações objetivas que emanam do meio social. (DURAND, 1997). É um campo aberto onde estão as flores poéticas e míticas do *conhecimento comum*. Sendo assim, o intelectual precisa e deve encontrar um *modus operandi* que religue o domínio da abstração ao da imaginação e do sentimento, aliando assim o inteligível e o sensível por uma “fruição pensante”. MAFFESOLI (1996).

ABSTRACT

We think the social interpretation in the knowledge construction. We defend one investigation line that recognize the importance in the social comprehension of the mythical and imaginary dimensions that were hid in the western reason. We believe that the Sociology like the scientifically productions need to develop relations with the passion, the illogical and the imaginary so as the actions that exist in the contemporary societies. We are influenced for the Michel Maffesoli thought in the French sociological theories.

KEY WORDS

Sense Reason, Knowledge, Pagan's Sociology

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE Jr., Durval M. de. *A Invenção do Nordeste*. São Paulo/ Recife: Cortez/ Fundação Joaquim Nabuco/ Ed. Massangana, 1999.
- ALTHUSSER, Louis. *Ler o Capital*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- BASTIDE, Roger. A Propósito da Poesia como Método Sociológico In *Sociologia*. Maria Isaura Pereira de Queiroz (Org). São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais: 37).
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*: 1. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- COLLIOT-THÉLENE, Catherine. *Max Weber e a História*. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *O Imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 2ª. E. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- GINZBURG, Carlo. *A Micro-História e outros Ensaio*s. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- _____. *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- _____. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- INGENIEROS, José. *O Homem Mediocre*. Curitiba, PR: Livraria do Chain Editora, s/d.
- JAPIASSU, Hilton. *As Paixões da Ciência: Estudo da História das Ciências*. São Paulo: Letras & Letras, 1991.
- JOHNSON, Chistopher. Derrida. *A Cena da Escritura*. São Paulo: Editora da Unesp, 2001.
- KUHN, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1995.
- LAPLANTINE, François. Antropologia e Literatura In Aprender Antropologia. São Paulo: São Paulo; Ed. Brasiliense, 1995.
- LE GOFF, Jacques. *Por Amor às Cidades: Conversações com Jean Lebrun*. São Paulo. Ed. Unesp, 1998.
- LEMAIRE, Ria. O Mundo feito Texto In *Pelas Margens: Outros Caminhos da História e da Literatura*. Campinas, Porto Alegre: Ed. Unicamp, Ed. UFRGS, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- _____. *O Conhecimento Comum: compêndio de uma sociologia compreensiva*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

_____. *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1995.

_____. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____. *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. *Sobre o Nomadismo: Vagabundagens Pós-Modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. Conferência Inaugural: *Le Retour du Destin ou Longue Mémoire de L' Inconscient Collectif*. XI Ciclo de Estudos sobre o Imaginário e Memória. Recife: Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre o Imaginário, 2000.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política. O Processo de Produção do Capital*. Vol. 1, 13ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil s.a, 1989.

MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Incompletas*. São Paulo: Abril Cultura, 1978. (Os Pensadores).

_____. *Assim Falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2000.

Internet:

CEMIN, Arneide. **A Escola Sociológica Francesa e suas Presenças nas Teorias do Imaginário**. < <http://www.unir.br/~primeira/artigo38.html>>. Acesso em: 03 de Agosto de 2002.

GOMES, Osmar. **Michel Maffesoli: O Teórico da Fragmentação do Poder-sociólogo francês vê as pequenas organizações como ilhas impenetráveis e plenas de potência**. <www.an.com.br/1999/mar/03/0ane.htm>. Acesso em 2001.